

Osmarino, antes só

*Alcione Araújo **

O JORNAL DO BRASIL da última quarta-feira noticiou que a Polícia Federal não tem conseguido cumprir a determinação do ministro da Justiça de dar proteção ao líder seringueiro Osmarino Amâncio, porque ele está sumido há vários dias. No entanto, prossegue a notícia, Osmarino, que sucedeu Chico Mendes na luta pela defesa da floresta e sua gente, tem ido diariamente à sede do Conselho Nacional dos Seringueiros, a exatamente quatro quarteirões da sede da Polícia Federal. Então, que mistério estaria ocorrendo? Tive em janeiro um encontro com Osmarino cuja lembrança pode jogar um pouco de luz nesse episódio.

O carro que me levava parou a uns 100 metros do fim da rua e o motorista me indicou a última casa como a sede do Conselho Nacional dos Seringueiros. Desembarquei e confirmei que, de fato, a rua estreitava-se mais adiante, dificultando a manobra — um argumento do motorista que eu, maliciosamente, interpretara como má vontade ou até medo, um sentimento comum da população em relação aos temas seringueiros, UDR etc. Eram uma seis da tarde e a noite, avançando depressa, cobria de sombras casas e árvores. A memória não me poupou: mais ou menos naquele horário tinham fuzilado Chico Mendes no seu próprio quintal, não muito longe dali, em Xápuñ, onde, dias antes, eu estivera. Agora, nas franjas de Rio Branco, abria-se, à minha frente e por trás das últimas casas, a boca escura da floresta amazônica. O pequeno trecho de rua fora tragado pelo silêncio. Para confirmá-lo, ouvia-se uma Ave-Maria intermitente, de um rádio distante.

Eu estava fazendo uma pesquisa de campo para um posterior trabalho profissional e iria ter uma conversa com o líder Osmarino. Apesar de tudo o que eu já sabia sobre o trabalho e a história do líder dos seringueiros, o que me acudia naquele momento era o sentimento de que iria falar com um homem condenado à morte pelos mesmos que

mandaram matar Chico Mendes. Um sentimento confuso, que incluía o medo e um heroísmo infantil; a solidariedade humilde e o orgulho pelo privilégio do encontro. Quando entrava na modestíssima casa, ainda olhei em torno e confirmei, mais uma vez, que eram o cenário e o momento indicados para uma emboscada.

Mal me identifiquei a uma cabocla de dentes muito brancos, abriu-se a porta interna da vazia e abafada ante-sala, e um homem moreno, baixo e atarracado me olhou com firmeza. Houve um momento de silêncio, de mútuo estudo até que secamente ele me mandou entrar. Depois de fechar a porta, me estendeu a enorme mão, áspera e rígida, e quase esmagou a minha. Pude então encarar aquela criatura esquiwa: seus olhos, muito próximos um do outro, o armam com um penetrante olhar de águia. O rosto é anguloso, e a cabeça pequena para o corpo rijo, musculoso e compacto. A camiseta sem manga deixava à mostra o bíceps de lutador. Não creio que já tivesse vivido quarenta anos.

“Vocês vêm aqui, perguntam tudo, gravam, anotam, fotografam, publicam... é jornal, televisão, cinema, escritores que nem você... e nós, os seringueiros, não ganhamos nada com isso, continuamos do mesmo jeito...” — ele disse, me apunhalando com o olhar, logo que sentamos na tosca mesa de reunião. Fiquei lívido. A culpa me tirou o chão. Na minha cabeça explodiram as imagens de *Corações e Mentes*, um documentário americano sobre a guerra do Vietnã: um velho vietnamita chorando desesperado diante dos escombros de sua casa bombardeada, que soterrara sua família, olha para a câmera e diz: “Americanos... vocês jogam bomba e depois vêm filmar.” Porém Osmarino me consou com uma ressalva: “Mas me disseram que você é dos nossos”, revelando a lisonjeira moldura que os intermediários do encontro fizeram

para mim. Apesar da senha instalar a confiança entre nós e daí para a frente a conversa fluiu, a frase do Osmarino deixou uma dúvida que ainda hoje flutua intacta na minha consciência, à espera de uma discussão ética.

Com o gravador girando, Osmarino foi generoso nas respostas às minhas perguntas. Reproduziu com minúcia cada acontecimento, esclareceu suas posições e de outros líderes, reiterou a obstinada determinação para a luta, não escondeu a revolta contra os vários assassinatos impunes, discorreu sobre a longa amizade com Chico Mendes e suas eventuais divergências e, embora se orgulhasse de nunca ter chorado, fiquei com a impressão de que o brilho do seu olhar, ao falar da morte do amigo, eram lágrimas reprimidas. A certa altura, a cabocla surgiu na sala, deu “até-manhã”, encerrando o expediente, e deixou-nos a sós. Voltei a pensar na insegurança daquele lugar e um calafrio varreu meu corpo.

Habitado a entrevistas, Osmarino não se deixava pressionar. “Isso eu não respondo”, dizia diante de certas perguntas e, safo, repetia a frase quando a pergunta retornava com outra roupagem. E, quando tinha revelações importantes, porém comprometedoras, a fazer, ordenava: “Desliga isso”, referindo-se ao gravador, e só então esclarecia, num tom mais baixo, a razão essencial que está na origem obscura de muitos daqueles fatos.

Quando vi as fotos do homem que, segundo consta, está contratado para matá-lo — fotos que, aliás, ele mesmo tirou numa parada do ônibus em que viajou com o seu matador —, eu quis saber por que ele recusara a proteção da Polícia Militar do Acre. Para Osmarino, esse foi o erro fatal de Chico Mendes. “Eu insisti com ele que nós, os seringueiros, as pessoas do movimento, é que deveriam protegê-lo, mas o

Chico achava que aceitar a segurança oficial era um gesto de aproximação que poderia trazer a paz. Pra mim, era presente de grego. “A verdade é que Chico Mendes, embora há muito tempo jurado de morte, só morreu pouco tempo depois que passou a ser protegido por dois PMs. Quando foi fuzilado nos fundos de sua casa, os dois soldados, que estavam na sua cozinha, ao invés de irem ao encontro dos assassinos, correram para a rua, na direção oposta. Mais tarde alegaram que iriam buscar reforços. Já se entende o que Osmarino deve achar da proteção policial.

Seguíamos a nossa conversa quando, de repente, fomos interrompidos por um ruído. Silenciamos, paralisados. O sangue me fugiu, e a garganta secou; nem me mexi. Osmarino, o corpo socado de um pequeno gorila branco, com movimentos rápidos e sinuosos de um felino, esgueirou-se rente à parede até a sua bolsa, de onde retirou algo que não pude identificar, mas intuí ser uma arma. Imobilizou-se, respiração contida, de costas para mim. Com o olhar de águia, percorria todo o ambiente. Houve um tempo de silêncio tenso. Depois, enquanto eu retomava a respiração, ele percorreu a casa certificando-se de sua segurança. Foi apenas um susto, mas restou-me a forte impressão de ter estado ao lado de um homem acuado, sem a mínima chance de fuga, sem a mínima chance de reagir. Nessa hora, leis, justiça, direito, argumento, civilização são coisas tão remotas que sequer se imagina que existam em algum lugar. Na Amazônia, homens tombam como árvores.

Logo que li a notícia do JB, lembrei-me da sugestão que Osmarino dera a Chico Mendes, de recusar a proteção oficial; e imaginei Osmarino, o pequeno gorila branco, com o seu olhar de águia, esgueirando-se como um felino por entre as árvores da floresta — a que ele pertence e que lhe pertence — fugindo acuado, enquanto não chega a hora em que farão dele um novo Chico Mendes.